



EMBRAPA

Vinculada ao Ministério da Agricultura
Centro de Pesquisa Agropecuária
do Trópico Semi-Árido (CPATSA)
BR-428 - Km 152
Rodovia Petrolina/Lagoa Grande
Fone: (081) 961 - 0122 •
Telex (081) 1878
Cx. Postal, 23
56.300 - PETROLINA - PE

ISSN 0100-6061

COMUNICADO TÉCNICO

Nº 49, jul/92, p.1-2

USO DE BAGAÇO DE TOMATE NA ALIMENTAÇÃO DE ANIMAIS

Gildo Freitas de Almeida¹

INTRODUÇÃO

As indústrias de derivados de tomate da região do Submédio do São Francisco têm uma capacidade de processar, aproximadamente, 330.000 t do produto no período da safra, originando em torno de 13.200 t de resíduos. Estes subprodutos, conhecidos como bagaço, são constituídos de sementes e película externa dos frutos. A industrialização do tomate, para a produção de seus derivados, coincide com o período seco da região, quando as pastagens amadurecem, tornando-se fibrosas e apresentando um baixo nível protéico. Neste período, o aproveitamento destas pastagens, pelos animais, se torna reduzido devido às limitações na digestibilidade causadas pelo entrelaçamento da lignina com a celulose (Romagosa Vilá, 1982).

Estudos realizados por Tsatsaronis & Bosken (1975) encontraram no bagaço de tomate 18 aminoácidos, sendo o valor da sua proteína semelhante aos das proteínas dos farelos de soja e girassol. Segundo os mesmos autores, o bagaço de tomate pode ser uma importante e econômica fonte de proteína para alimentação animal.

Considerando a necessidade de suplementar os rebanhos durante o período seco e os altos custos dos concentrados industriais protéicos, dos grãos de cereais e demais suplementos protéicos, o criador tem despertado o seu interesse pelo aproveitamento do bagaço de tomate, dada a sua disponibilidade, aceitabilidade pelos animais e o baixo preço de aquisição.

MÉTODOS DE ARRAÇOAMENTO DOS ANIMAIS COM BAGAÇO DE TOMATE

A forma mais fácil para o fornecimento do bagaço aos animais consiste em colocá-lo nos cochos nas mesmas condições que o mesmo foi recebido da fábrica. Porém, esse método, sem nenhum cuidado com a conservação do material, dá margem a um rápido processo de fermentação do bagaço, devido ao seu alto teor de umidade e, com isso, sua rejeição pelos animais. Para se evitar este problema, deve-se proceder da seguinte maneira: Espalha-se o bagaço em lonas de polietileno ou em terreiro cimentado ou compactado, deixando-o exposto ao sol até a completa secagem. Após esta operação, o bagaço seco poderá ser ensacado, ou mesmo armazenado em depósitos, possibilitando a sua utilização para alimentação animal por um longo período, mantendo sua qualidade e palatabilidade.

¹Med. Vet., M.Sc., Especialista em Nutrição de Ruminantes, EMBRAPA-Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-Árido (CPATSA), Caixa Postal 23, 56300 Petrolina, PE.

CT/49, CPATSA, jul./92, p.2

As análises bromatológicas e da digestibilidade "in vitro" (DIVMS) realizadas com amostras de bagaço originárias de três indústrias da região indicaram os resultados da tabela 1.

TABELA 1. Composição Bromatológica e de Digestibilidade IN VITRO (MS. %) de bagaço de tomate originário de três indústrias, situadas em Petrolina-PE e Juazeiro-BA.

Origem do bagaço	MS	PB	FB	E.E.	DIVMS
Indústria A	21,86	19,34	38,34	13,67	56,15
Indústria B	30,40	19,30	45,63	7,68	59,60
Indústria C	12,15	18,77	38,68	10,18	60,32
MÉDIA	21,47	19,14	40,88	10,91	58,69

RESULTADOS E CONCLUSÕES

Verifica-se, pela análise dos dados, que o bagaço de tomate apresentou um conteúdo de proteína bruta entre 18,77 e 19,34%, o que permite concluir que este resíduo pode ser classificado como um concentrado protéico básico. Com relação aos coeficientes obtidos para a digestibilidade "in vitro" (DIVMS), que representam a fração de cada nutriente que o organismo pode utilizar, o bagaço demonstrou boa digestibilidade. Os resultados sobre fração fibrosa indicaram ser o mesmo rico em fibra, a qual, segundo Jardim (1976), é de alta digestibilidade, donde se conclui que o bagaço de tomate, após alguns estudos sobre sua conservação, digestibilidade "in vivo" e métodos de arrazoamento, poderá ser de grande utilidade para alimentação animal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- JARDIM, W.R. **Alimentos e alimentação do gado bovino.** São Paulo: Ceres, 1976. 338p. il.
- ROMAGOSA VILÁ, J.A. **Subprodutos resituales en la alimentación de ruminantes.** Madrid: Pons, 1982. 290p. il.
- TSATSARONIS, G.C.; BOSKOU, D.G. Aminoacid and mineral salt content of tomato seed and skin waste. **Journal of the Science of food and Agriculture**, v.26, p.421-423, 1975.